

A “Consciência” Hermenêutica em Habermas: Interfaces e Diálogos

Anderson de Alencar Menezes¹
José Aparecido de Oliveira Lima²

DOI 10.20399 DOI 10.20399/P1982-999X.2016v1n3pp48-55

Resumo

O presente artigo procurará discutir alguns pressupostos fundamentais para a compreensão da hermenêutica em Habermas. De fato, a preocupação central habermasiana no que toca à hermenêutica é problematizar as relações entre intérprete, tradição e razão. Sem desconsiderar o papel da crítica advinda da competência comunicativa como postulado central da hermenêutica habermasiana. Perceberá também as críticas de Habermas à Gadamer, sobretudo aos aspectos da autoridade e da tradição, tidos por Gadamer como intocáveis no processo discursivo da linguagem ordinária.

Palavras-chave: Habermas; Hermenêutica; Linguagem.

Abstract

This article will try to discuss some key assumptions for the understanding of hermeneutics Habermas. In fact, Habermas's main concern regarding the hermeneutics is to problematize the relationship between performer, tradition and reason. Without ignoring the role of criticism arising from the communicative competence as a central tenet of Habermas' hermeneutics, also notice the criticism of Habermas to Gadamer, especially the aspects of authority and tradition, taken by Gadamer as untouchable in the discursive process of ordinary language.

Keywords: Habermas; Hermeneutics; Language.

1. Habermas e a Hermenêutica Humboldtiana

A relação existente entre, Jürgen Habermas, e a hermenêutica têm fortes concepções identitária e epistêmica, desenvolvidas no contexto histórico do pensamento frankfurtiano. Ou seja, Habermas, como último herdeiro, ainda vivo da Escola de Frankfurt, tem como característica uma forte concepção crítica, legítima, das heranças racionais da Teoria Crítica.

A partir da década de 80, com fundamentos na teoria do agir comunicativo, Habermas buscava resistir ao ‘positivismo objetivo’ da época, “em busca de uma fundamentação normativa e teórico-linguística das ciências sociais” (GONDIN, 1999, p. 215). Depreende-se disso, a partir de uma hermenêutica com bases sólidas na linguagem, uma reconstrução da ação comunicativa, para um entendimento mútuo e para uma concepção da emancipação humana.

Ainda neste contexto, segundo Grondin, (1999, p. 216):

A hermenêutica mostra que círculos linguísticos não são fechados monadicamente, mas são porosos, tanto para fora como também para dentro, escreve Habermas. Para fora, porque a linguagem, em

¹ Doutor em Educação pela Universidade do Porto-Portugal. Professor e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (Mestrado em Educação) Trabalha com a perspectiva da Teoria Crítica, principalmente os seguintes autores: Habermas, Adorno e Horkheimer.

² Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas. Desenvolve pesquisas sobre – Habermas e a Educação numa perspectiva reconstrutiva.

princípio, está aberta para tudo o que realmente se pode dizer e entender. [...] Mas, também é aberta para dentro, pois os que agem pela linguagem podem distanciar-se de suas próprias expressões, para interpretá-las, refletir sobre elas, etc.

Não obstante, Habermas vai buscar a partir da hermenêutica de Humboldt desenvolver um processo permeável de compreensão da realidade do mundo. Noutras palavras, Habermas refere-se a isso da seguinte forma:

A hermenêutica propõe um modelo processual de interpretação. A interpretação tem início numa pré-compreensão valorativa que estabelece uma relação preliminar entre norma e estado de coisas, abrindo o horizonte para ulteriores relacionamentos. A pré-compreensão, inicialmente difusa, torna-se mais precisa à medida em que, sob sua orientação, a norma e o estado de coisas se constituem ou concretizam reciprocamente (HABERMAS, 1997, p. 247).

Nesta perspectiva, interpretar é compreender em meio à linguagem, os valores reais que buscam sustentar a relação entre as normas das coisas e o estado das coisas. Diante desse conceito, Habermas buscará superar as concepções do “ser em si mesmo”, da “hermenêutica da facticidade” de Heidegger, de uma hermenêutica ‘positivista’ de Wittgenstein, além de Gadamer. Neste sentido, passar a desenvolver uma teoria que descrevesse as coisas a partir de uma interação linguística, poderia ser um dos principais objetivos de Habermas.

Essa influência linguística entre diferentes interlocutores acerca de algo, externaliza as diferentes compreensões que envolvem normas e os estados de coisas que estão envoltos a princípios pré-estabelecidos, objetivando assim, um entendimento recíproco.

Habermas junto a Humboldt representa uma nova perspectiva acerca da discussão hermenêutica e com isso, vai buscar deixar evidente a importância da linguagem neste contexto, pois, “Toda a tradição hermenêutica é atravessada pela tensão entre um particularismo da abertura linguística ao mundo e o universalismo de uma práxis do entendimento mútuo, orientada para as coisas” (HABERMAS, 2004, p. 65). Ou seja, o indivíduo passa a perceber as coisas linguisticamente e reciprocamente. O homem é linguagem e por ela se definem as coisas. Destarte, “O homem pensa, sente, vive unicamente na língua, e é por ela que deve ser formado” (HABERMAS, 2004, p. 65).

Mais precisamente, Habermas filia-se ao pensamento de Humboldt para fugir da concepção onde as coisas “já estão dadas”. Trata-se aqui, de fato, de estabelecer uma nova compreensão de hermenêutica, numa perspectiva onde as coisas não sejam paradigmáticas, mas que possam adquirir significados a partir da constituição linguística atribuída a ela. Ou seja, é como o próprio Habermas (2004, p. 66) afirma:

Segundo a concepção de Humboldt, as palavras individuais adquirem seu significado a partir do contexto das frases, para cuja constituição elas contribuem; as frases adquirem o seu a partir da composição dos textos, que são construídos com seu auxílio; e os diferentes tipos de texto a partir da articulação da totalidade do vocabulário de uma língua.

A leitura que pretendemos realizar, neste momento, situa-se no âmbito de que o indivíduo que é desde o início linguagem e, por ela foi formado, atribui significados as

coisas a partir da própria linguagem que a ela é atribuída. O indivíduo, em meio à linguagem, cria um contexto de sentidos que tendem a partilha recíproca, ou melhor, a intersubjetividade. Coutinho (2002, p. 377) vai afirmar que, “A relação intersubjetiva é [...] uma atuação recíproca entre sujeitos que constroem sentidos”.

De fato, a hermenêutica em Habermas numa concepção humboldtiana, tem como objetivo um processo de significação e desvelamento dos sentidos e da realidade obscurecida, pela linguagem. Em vista disso, é necessário adentrar a ideia subjacente da realidade não-interpretada, pois, conforme Habermas (2004, p. 69) “A realidade [...] é, desde o início, ‘integrada’ a um horizonte de significação a cada vez específico e, como diz Humboldt, ‘apropriada’ pela linguagem própria”.

Dáí importa o ato de fala se tornar a ponte de entendimento entre os indivíduos dotados de linguagem e o mundo composto de normas e estados de coisas. Pois, “não saberíamos o que significa compreender o significado de uma expressão linguística, caso não soubéssemos como utilizá-la para nos entendermos com alguém sobre algo” (HABERMAS, 2002, p. 77). Neste contexto, “os atos de fala [...] apontam para um consenso racionalmente motivado sobre o que é dito” (HABERMAS, 2002, p.77). Ou seja, o sentido acerca das coisas, se dá a partir das distintas concepções da realidade, onde que, em meio a um descentramento do ‘eu’, vários indivíduos podem buscar contribuir para um entendimento de ‘todos’ acerca de algo no mundo.

Conforme Habermas, em sua obra Verdade e Justificação (2004, p. 71):

No discurso, uma visão de mundo deve ser trabalhada pela contradição dos outros de tal modo que os horizontes de sentido de todos os participantes se ampliem [...] graças à progressiva descentração da perspectiva de cada um deles. [...] Cada um pode decidir por si só se quer assumir a atitude expressiva de uma primeira pessoa que exprime suas vivências ou representações, ou a atitude objetivante de uma terceira pessoa que percebe e descreve o mundo circundante. Mas a atitude de um falante para com uma segunda pessoa a quem ele dirige seu proferimento depende de uma atitude complementar do outro, atitude que não se obtém à força. [...] Na conversação, ambos os lados não contraem essa relação senão na base da reciprocidade. Um concede ao outro o papel performativo do falante apenas sob a reserva de uma troca de papéis, que assegura a ambos a liberdade comunicativa de réplica.

A partir deste modo de descrição, podemos concluir que, a compreensão do outro a respeito do mundo, pode levar o indivíduo, a partir da linguagem, a um entendimento mútuo acerca das culturas e das formas de vida em que o outro está inserido. Essa relação recíproca remete o indivíduo a uma hermenêutica intersubjetiva com o outro que, também, é linguagem.

No dizer de Margarita R. Sgró (2007, p. 118): “é necessário traçar um modelo de comunicação sem coações, em que a única força possível é a do melhor argumento”. Neste sentido a partir de um entendimento em acordo e de forma respeitosa, os indivíduos buscam trocar argumentos acerca de algo, onde pela força do discurso, ele pode atribuir claramente, orientações e representações acerca de algo social ou cultural posto no mundo.

2. Habermas e a hermenêutica social do mundo da vida

Após ter desenvolvido um pequeno recorte teórico acerca da Hermenêutica habermasiana, buscaremos enfatizar essa concepção em meio ao contexto social do mundo da vida. Não pretendemos ampliar qualquer discussão acerca de definições conceituais, mas tentar compreender a importância de uma hermenêutica na circunstância social do indivíduo.

Num primeiro momento, podemos deixar claro um conceito de mundo da vida onde indivíduos livres e autônomos buscam um entendimento intersubjetivo e recíproco acerca de algo posto no mundo, que envolve o contexto do cotidiano e suas relações sociais. Noutras palavras, Habermas vai definir o mundo da vida como, “horizonte formador de contextos para processos de entendimento” (HABERMAS, 2012, p. 248). A perspectiva habermasiana da possibilidade de leitura do mundo da vida do outro, pode nos remeter a uma releitura do ‘meu’ mundo da vida com objetivo de um entendimento mútuo.

A partir deste âmbito de compreensão, tendo como base da linguagem à hermenêutica e a ideia de um indivíduo falante, Habermas buscará expressar que a partir da linguagem, o indivíduo pode buscar um agir comunicativo orientado pelo entendimento para uma compreensão semântica, pragmática e hermenêutica do mundo.

De acordo com o próprio Habermas (2012, p. 220):

A análise dos modos de utilização da linguagem permitem esclarecer o que significa o fato de um falante, ao realizar um ato de fala padrão, entabular uma relação pragmática: com algo no mundo objetivo (enquanto totalidades das entidades) [...] com algo no mundo social (enquanto totalidade das relações interpessoais) [...] com algo no mundo subjetivo (enquanto totalidade das vivências).

Neste nível, a compreensão habermasiana sustenta que a concretização do ato de fala de um indivíduo em face de um entendimento tem como objetivo, em meio à ação do indivíduo que é linguagem, a busca por um reconhecimento do mundo objetivo, social e subjetivo, pré-interpretados.

Neste sentido, conforme Habermas (2012, p. 230) vai afirmar que: “Na prática comunicativa do dia a dia, não pode haver situações completamente novas ou desconhecidas. As situações novas emergem de um mundo da vida que se constrói sobre um estoque de saber cultural com o qual estamos familiarizados”. Para Habermas é imprescindível a reconstrução do ato de fala cotidiana.

Deste modo, para os indivíduos o ato de fala é a ação do entendimento. Ora, o agir pautado na linguagem é o desvelamento hermenêutico da exterioridade social. Ou seja, a ação comunicativa, enquanto linguagem constitui o ponto principal da hermenêutica com base no mundo da vida de cada indivíduo. Neste âmbito, a linguagem emprega características que evidenciam o mundo da vida, tais como, as tradições e a cultura.

A capacidade de um indivíduo no ato de fala é uma adequação/interpretação dos valores e normas contidos nestas características social do mundo da vida desse indivíduo. Pois, “a partir do seu mundo da vida comum, os falantes e ouvintes se entendem sobre algo no mundo objetivo, social ou subjetivo” (HABERMAS, 2012, p. 231).

Assim, é a partir desta conotação de esclarecimento que o indivíduo no ato de fala, se submete ao intercâmbio intersubjetivo do mundo da vida de outros indivíduos capazes de linguagem. Esse afronte, se torna um problema que será solucionado a partir de práticas linguísticas com base no entendimento.

Noutras palavras, segundo Margarita Sgró (2007, p. 121):

O mundo da vida é, então um espaço de intercâmbio simbolicamente mediado, de relações cara a cara, sujeito-sujeito, nas quais os homens se reconhecem entre si e interatuam através da linguagem na busca de 'entendimento'. O 'entendimento' é necessário quando uma parte desse horizonte de certezas se torna problemática.

Por sua vez, podemos concluir que, é interessante pensar que o trabalho hermenêutico no contexto social do mundo da vida, pode nos remeter e ajudar a reaprender a ver as coisas, a reaprender a perceber as coisas e a reaprender a desenvolver um entendimento intersubjetivo com o outro acerca de algo posto no mundo que é linguagem.

3. Habermas e a consciência hermenêutica

O fato é que Habermas desenvolve na Obra, A Lógica das Ciências Sociais (2009) desenvolve toda uma reflexão a partir de sua compreensão do conceito de Consciência Hermenêutica. Esta se desenvolve em oposição de algum modo em oposição à Gadamer, que postulava a Universalidade da Hermenêutica.

Vamos discutir neste ponto fundamental da discussão, quatro pontos de vista, sob os quais a hermenêutica conquista significação para a ciência e para a interpretação de seus dados.

- (1) O primeiro ponto de vista, segundo Habermas (2009, p. 304) “a consciência hermenêutica destrói uma autocompreensão objetivista das ciências humanas tradicionais”. De fato, a objetividade da compreensão não pode prescindir do contexto histórico-efetivo e das heterogeneidades das formas de vida. Neste sentido, não se pode mais pensar na objetividade da compreensão a partir da abstração das opiniões prévias.
- (2) O segundo ponto de vista, na esteira de Habermas (2009) seria que a consciência hermenêutica lembra às ciências sociais, o fato de que os acessos aos dados científicos não serão mais viabilizados por observações controladoras, por técnicas de controle, mas mediante uma comunicação feita através da linguagem ordinária.
- (3) O terceiro ponto de vista, o próprio Habermas (2009) a consciência hermenêutica diz respeito à autocompreensão cientificista das ciências naturais, porém com ressalvas em relação à sua metodologia. O papel da inteligência é fundamental neste processo. Pois, o papel da metalinguagem elucida o valor teórico e cognitivo da linguagem ordinária no processamento da pesquisa. No plano metateórico, assegura-se a legitimidade das línguas e o papel da linguagem ordinária neste processo. Nesta perspectiva, o papel da hermenêutica do ponto de vista metateórico, é distinguir um consenso racionalmente motivado de um consenso impositivo.
- (4) Por fim, o quarto ponto de vista, para Habermas (2009, p. 305)

um âmbito da interpretação alcançou hoje uma atualidade social, um âmbito que, como nenhum outro, é exigido pela consciência hermenêutica, a saber, a tradução de informações científicas ricas em consequências na linguagem do mundo da vida social.

A perspectiva habermasiana em dissolver o fosso existente entre o mundo dos *experts* e o mundo da vida. Ou seja, entre a linguagem científica e a linguagem ordinária. Este é um trabalho de reconstrução, ou seja, de tradução de enunciados e princípios científicos e suas possíveis aplicações no âmbito do mundo intersubjetivo.

Por sua vez, esta consciência filosófica em Habermas (2009) manifesta-se como uma perspectiva diferente ao pensar a hermenêutica a partir da historicidade e da reflexividade. A mudança de arte interpretativa passa a ser vista como uma crítica interpretativa que acontece no entendimento intersubjetivo a partir da linguagem ordinária. Aqui, deve-se sublinhar a ideia de competência comunicativa ligada à esteticidade da fala.

A consciência filosófica manifesta-se numa dupla perspectiva. A primeira perspectiva, segundo Habermas (2009, p. 298) evidencia-se assim:

a hermenêutica filosófica deve à arte do compreender e do tornar compreensível a experiência peculiar de que os meios de uma língua natural são por princípio suficientes para esclarecer o sentido de quaisquer contextos simbólicos, por mais estranhos e inacessíveis que eles possam ser inicialmente.

Neste sentido, a experiência hermenêutica põe em relevo a intersubjetividade do entendimento que é estabelecido na linguagem ordinária e ao mesmo tempo, traz à consciência a posição do sujeito falante em relação à linguagem. A segunda perspectiva, na ótica de Habermas (2009, p. 300)

a hermenêutica filosófica deve à arte do convencimento, por outro lado, a experiência propriamente dita que, em meio à comunicação realizada na linguagem ordinária, não se compartilha apenas algo, mas se formam e se transformam posições orientadoras da ação.

Neste âmbito de compreensão, salientamos uma relação ambivalente entre persuasão e convencimento. Deve-se realçar o papel da retórica, pois põe em destaque a relação do sujeito falante com a sua língua. Por sua vez, a experiência retórica propõe o entrelaçamento entre linguagem e práxis.

Assim, a hermenêutica filosófica lança mão da concepção de competência comunicativa, assim como de elementos como: reflexividade e objetividade, aspectos característicos da linguagem. Estamos no âmbito de um saber reflexivo que sintetiza a consciência hermenêutica. Contudo, faz-se notar uma distinção fundamental entre linguística e hermenêutica. A linguística, por sua vez, não se refere à competência comunicativa, pois a linguística abstrai-se da dimensão pragmática, ao passo que a hermenêutica, realça a experiência do falante na pragmática da fala. Segundo Habermas (2009, p. 303) “a hermenêutica reflete sobre experiências fundamentais de um falante comunicativamente competente”. Cabe aqui, outra distinção fundamental entre reconstrução racional e autorreflexão.

A consciência hermenêutica é o resultado da autorreflexão, no sentido de que percebem as liberdades e independências em relação à linguagem. Com isto, dissolvem-se as ilusões subjetivistas e objetivistas arraigadas numa consciência ingênua. Por outro lado, a reconstrução racional está ligada às regras linguísticas. O seu papel é de tornar explícitas as regras que um falante nato implicitamente domina.

4. A crítica de Habermas a Gadamer: algumas anotações

As célebres discussões entre Habermas e Gadamer em torno da hermenêutica são muito notórias. De fato, Gadamer (2002) na sua famosa obra, Verdade e Método tenta estabelecer a partir dos traços fundamentais da experiência hermenêutica alguns pontos centrais para a postulação de uma hermenêutica que se inscreve na história efetual.

De fato, a reabilitação da tradição, da autoridade e do preconceito constitui-se como elementos frontais para esta discussão.

A ideia da Tradição remetida aos textos clássicos e o princípio de autoridade advindo desta perspectiva, faz com que Gadamer dialogue com a tradição ocidental do pensamento. Ao reabilitar a ideia de preconceitos legítimos e ilegítimos contra toda uma perspectiva iluminista, singulariza o pensamento gadameriano.

Penso que na esteira de Trevisan (2000) a maior polêmica entre estes dois autores esteja na relação entre o intérprete com a tradição. Gadamer apresenta um modelo fixo, a interpretação ocorre a partir da força extraída dos exemplos clássicos. Ora, Habermas discorda deste posicionamento, ao apresentar o movimento dialético como centro propulsor destas relações. A Tradição só terá sentido se o seu significado for intersubjetivamente compartilhado como fundante de novas relações e novas interpretações. O intuito de Habermas é ampliar o alcance da hermenêutica. Daí que ele discorda de Gadamer que opõe tradição ao método e à razão. Pelo contrário, o ponto de vista de Habermas é apresentar uma hermenêutica reconstrutiva admitindo a fusão dos horizontes sem abandonar da perspectiva atual do intérprete, a partir da virada linguística.

Pode-se pensar a partir da concepção de competência linguística, a partir das contingências do uso da linguagem natural. Neste âmbito de compreensão, Habermas encontra na pragmática da linguagem uma forma de se opor às abstrações da consciência e à extinção das heterogeneidades das formas de vida.

Na perspectiva de Trevisan (2000, p. 208-209)

pela mediação da linguagem, as diferentes esferas sistêmicas da racionalidade do mundos subjetivo, objetivo e social – que remetem às instâncias expressiva, cognitiva e moral – estão interpenetradas entre si e conectadas ao mundo da vida... Parece que aquilo que estava preso na fórmula sujeito-objeto recusa-se agora a submeter-se. Há uma revolta dos objetos: a corporeidade, as fantasias, os sonhos, o gestual, enfim, toda a dimensão subjetiva não se contenta mais em ser mero objeto da razão que se tornou formalmente objetivada.

Enfim, a perspectiva habermasiana, ao pensar uma hermenêutica reconstrutiva repensa o papel do intérprete a partir de uma atitude hermenêutica, opondo-se à uma atitude objetivante, própria da ciência moderna e de um tipo de epistemologia cartesiana, para postular uma atitude performativa que propõe o uso cooperativo da linguagem, ou seja, a utilização do discurso para fins de entendimento recíproco.

A guisa de conclusão

Ao postular uma hermenêutica reconstrutiva, Habermas propõe pensá-la a partir da pragmática formal que modificar os caminhos da interpretação até o momento. A proposta habermasiana em oposição a Gadamer é não propor pontos fixos (tradição) e nem filiar a qualquer autoridade (dogmatismos). Pois, a nossa relação com a tradição não deve ser unilateral, mas profundamente dialética e processual.

Pois, Habermas insere a sua compreensão da hermenêutica a partir da virada linguística, terreno vulnerável, por excelência, mas propício e propenso ao aperfeiçoamento evolutivo a partir do exercício da competência comunicativa.

Referências

COUTINHO, Maria de Souza. **Racionalidade comunicativa e desenvolvimento humano em Jurgen Habermas**: bases de um pensamento educacional. Lisboa: Colibri, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GRONDIN, Jean. **Introdução a hermenêutica filosófica**. Trad. de Benno Dischinger. São Leopoldo: Editora Unisinos. 1999. 366 p. (Coleção Focus).

HABERMAS, Jurgen. **Conhecimento e interesse**. Trad. de Luiz Repa. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. Trad. de Flavio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1997.

_____. **Pensamento pós-metafísico**: estudos filosóficos. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2002. 271 p. (Série Estudos Filosóficos, n. 90).

_____. **Teoria do agir comunicativo I**: racionalidade da ação e racionalização social. Trad. de Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Teoria do agir comunicativo II**: sobre a crítica da razão funcionalista. Trad. de Flavio Beno Siebeneichler. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Verdade e justificação**: ensaios filosóficos. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **A lógica das ciências sociais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MENEZES, Anderson de Alencar. **Educação e emancipação**: por uma racionalidade ético-comunicativa. Maceió: Edefal, 2014.

SGRÓ, Margarita R. **Educação pós-filosofia da história**: racionalidade e emancipação. São Paulo: Cortez. 2007.

TREVISAN, Amarildo. **Mímesis e razão comunicativa**. Ijuí: Unijuí, 2000.